

Centenário do libertador do Acre

Maj Eng QEMA
CLAUDIO MOREIRA BENTO

Em 9 de dezembro transcorre o centenário de Plácido de Castro. Líder nato que o destino caprichoso impeliu para o Acre, para um grande encontro com nossa História, ao prestar, sem igual neste século, seu serviço à defesa e preservação da Integridade, Soberania e Unidade brasileiras.

Liderando bravos nordestas, desbravadores e povoadores da região, proclamou o Acre Estado Independente, em 6 de agosto de 1902, em Xapuri.

Consolidou-o pelas armas, em duros combates, em 171 dias de campanha. Libertou a região de séria ameaça potencial representada por poderosos grupos econômicos internacionais, interessados em dominar, inclusive com apoio militar, fontes de produção de borracha na Amazônia.

Evocamos sua vida e obra, apontando-as como exemplo e inspiração a brasileiros de hoje, que velam pela Soberania e Integridade do Brasil na Amazônia ou que participam da grande cruzada patriótica de desenvolvê-la e integrá-la.

Da ação militar e política desse herói, combinada com a diplomática do grande patriota Barão do Rio Branco, resultou a incorporação ao Brasil, pelo Tratado de Petrópolis, 17 Nov 1903, do atual Estado do Acre.

DESCENDENTE DE GUERREIROS

Plácido de Castro nasceu em São Gabriel, RS, em 9 Dez 1873. Era filho, sobrinho, neto e bisneto de militares que lutaram em 1801-70, em defesa da Soberania e Integridade do Brasil, em nossa Fronteira Sul — *A Fronteira do Vai e Vem.*

A casa de seu pai tornou-se ponto de encontro de veteranos da Guerra do Paraguai. Nela, o assunto principal era a recordação de lances militares deste conflito. A mente infantil de Plácido foi povoada pelos feitos guerreiros de seus antepassados, durante 6 campanhas contra os espanhóis e seus descendentes.

ADOLESCÊNCIA DIFÍCIL

Com 9 anos começou a trabalhar. Com 12 perdeu o pai e passou a sustentar a mãe e 6 irmãos menores. À procura de maior salário, trabalhou em Bagé e São Francisco de Paula até atingir idade para realizar seu sonho, ingressar no Exército.

SOLDADO DO REGIMENTO MALLET

No mês seguinte à Proclamação da República, com 16 anos e 4 dias, ingressou no Exército como soldado. Escolheu, em São Gabriel, a unidade de maior tradição guerreira, o legendário 1.º *Regimento de Artilharia de Campanha*, o atual *Regimento Mallet* de Santa Maria. Esta unidade escrevera páginas imortais de glória militar, nas guerras contra Oribe e Rosas 1851-52 e do Paraguai 1864-70. Após 6 meses, Plácido era cadete.

CADETE EM RIO PARDO E PORTO ALEGRE

No 2.º Semestre de 1890, ingressou na *Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo*, onde, após 2 anos e meio era 2.º sargento. Em 1893, passou a freqüentar a *Escola Militar de Porto Alegre*, último degrau para tornar-se oficial do Exército.

CARREIRA FRUSTRADA

Ao entrar para a Escola Militar, a política dividia a família brasileira. Ela penetrou na Escola e dividiu seus alunos em *florianistas* e *federalistas*. Estourara no Rio Grande do Sul a Revolução de 93, caracterizada por uma violência inaudita e desrespeito à vida do adversário. Cadetes florianistas encabeçaram abaixo-assinado, pedindo o fechamento da Escola para lutarem contra a Revolução. Plácido, apolítico, segundo seus biógrafos, recusou-se a assinar o documento. Foi desligado da escola, declarado suspeito, preso e enviado a Bagé para servir no Batalhão de Transportes, além de privado do uso de arma de fogo.

Neste exato momento frustrara-se, para sempre, seu sonho de ser oficial do Exército.

REVOLUCIONÁRIO FEDERALISTA

Na véspera do combate do Rio Negro, em Bagé, ele abraçou a causa da Revolução.

Apresentou-se aos chefes revolucionários e conseguiu a libertação de 2 companheiros do Exército, presos na véspera. Um deles, seu inimigo. Dessa generosidade ele daria várias mostras na Revolução Acreana. Em 93, Plácido participou de quase 40 ações de combate.

Completo sua formação militar na Academia Militar das Coxilhas, "vendô, tratando e pelejando". Com 21 anos incompletos, era major por bravura e disputado entre seus chefes. Jovem, não se deixou envolver, por práticas bárbaras introduzidas nesta revolução, entre as quais o degolamento de adversários inermes, costume abominável introduzido por caudilhos orientais, contrário à tradição de *Firmeza e Doçura* do gaúcho brasileiro. Tradição que encontrou no General Osório seu maior expoente.

A FORJA DO GUERREIRO

Os 3 anos e meio passados no Exército e os 2 de revolução seriam responsáveis por sua escolha como general e comandante do Exército do Acre, à frente do qual realizaria feitos militares retumbantes; dentro de critérios táticos e estratégicos de grande validade em Arte e Ciência Militar que ele soube adaptar à realidade amazônica, diametralmente oposta à das coxilhas do Rio Grande do Sul a que se acostumara.

ADEUS AS ARMAS

Com a Paz de Pelotas, em 1895, que pôs fim à Revolução, Plácido não retornou ao Exército. Assistia-lhe, de direito, esta faculdade.

São desconhecidos os motivos do não retorno. Após breve período em São Gabriel, foi para o Rio de Janeiro onde tornou-se guarda e inspetor de alunos do Colégio Militar. Incidente com um oficial professor de Geografia obrigou-o a demitir-se. Após trabalhou nas Docas de Santos onde praticou o ofício de agrimensor, condição que o levou à Amazônia, contratado para demarcar seringais.

A Amazônia fervilhava com a Questão Acreana. Os limites entre o Brasil e Bolívia, no Acre, eram discutidos. As diplomacias dos dois países esforçavam-se por defini-los. A seca de 1877, no Nordeste, atraía para o Acre milhares de nordestinos que terminaram por desbravar e povoar aquela região selvagem, ao custo de 100.000 vidas imoladas por uma ecologia adversa, paraíso de febres palustres. O Brasil reconheceu o domínio boliviano sobre parte da área desbravada

e povoada por nordestinos que já se consideravam acreanos. Eles argumentam: "se o Brasil não quer o Acre, os acreanos não desejam ser bolivianos".

Em 14 Jul 1899, em Empreza, o espanhol Luiz Galvez, após descobrir tratado, entre os governos da Bolívia e EUA, lesivo aos interesses acreanos, proclamou o Acre estado independente. O Brasil interferiu e ajudou a Bolívia a restabelecer seu domínio sobre a área.

Jovens de Belém, inconformados, organizaram uma força para libertar o Acre. Esta força passou à história como *Expedição dos Poetas*.

Após alguns êxitos, fracassou por falta de um líder militar.

Plácido recusou comandá-la, obediente à decisão do governo brasileiro. Plácido atacado de febre palustre dedicava-se, como agrimensor, a demarcar seringais.

UM CAVALO DE TRÓIA AMEAÇA A AMAZÔNIA

O governo boliviano, visando a lucros e a manter seu domínio sobre o Acre, recorreu a capitais privados norte-americanos e Ingleses, sedentos de dominarem as fontes de produção de borracha na Amazônia.

Formou-se o *Bolivian Syndicate*. Este adquiriu o direito, por arrendamento, de administrar o Acre e ali manter uma força armada.

O arrendamento incluía área reconhecidamente brasileira, segundo constatação de Plácido de Castro.

Era um *Cavalo de Tróia* a ser introduzido na Amazônia, por poderosos capitais internacionais, com apoio officioso dos EUA. Precedentes, na África e Ásia, mostraram que grupos idênticos terminaram por colonizar e dominar importantes áreas de alguns países, onde penetraram com os mesmos propósitos. Era uma ameaça à Soberania e Integridade do Brasil, Bolívia e Peru.

A OBRA RESERVADA AO JOVEM GAÚCHO

Eram imprevisíveis, a longo prazo, as conseqüências funestas para o Brasil e Bolívia, se concretizado o acordo do *Bolivian Syndicate*.

Teríamos hoje uma grande nação a dominar grande parte da Amazônia brasileira, boliviana e peruana? O Brasil exerceria sobe-

ria sobre a navegação no Amazonas e seus principais afluentes? Quais os reflexos negativos sofridos pela geopolítica brasileira na Amazônia? Seria mantida a Integridade e Soberania do Brasil na área? Estas e outras perguntas assaltaram a mente do patriota e estudioso de Geografia — Plácido de Castro.

PROJEÇÃO DA OBRA DE PLÁCIDO DE CASTRO

Neste contexto é que se insere a grande obra que irá realizar Plácido de Castro, sem rival neste século, na defesa e manutenção da Integridade, Unidade e Soberania do Brasil na Amazônia, área que somente agora os brasileiros tiveram condições, com grandes sacrifícios, de darem início à grande batalha para integrá-la e desenvolvê-la, para não entregá-la, sobre pressões imprevisíveis do futuro do mundo, em acelerada explosão demográfica.

Por outro lado, seriam abandonados à própria sorte milhares de brasileiros, acreanos, desbravadores e povoadores da região, desde quase meio século. No Acre encontravam-se sepultados milhares de nordestinos imolados na luta para dominar aquela região selvagem e remota.

ENCONTRO COM SEU DESTINO E COM A HISTÓRIA

Plácido encontrava-se na Amazônia desde 1898, com 25 anos de idade. Acompanha com simpatia a Questão Acreana, sem nela envolver-se.

Brasileiros e bolivianos da área chegaram a um acordo de convivência fraterna. Ao tomar conhecimento do teor do contrato, lesivo ao Acre, ao Brasil e também à Bolívia, decidiu impedir que se consumasse. Aderiu à revolução. Daí por diante foi o catalisador, organizador e pregador da Revolução, com vistas a impedir a invasão e controle da área por capitais alienígenas, interessados em controlar fontes de produção de borracha.

INDEPENDÊNCIA DO ACRE

Em 6 de agosto de 1902, conquistou Xapuri e proclamou a Independência do Acre. Fez com que todos os presentes assinassem a Ata de Independência, a fim de comprometerem-se no movimento. Durante mais de um mês percorreu a pé, a cavalo, em canoas, todos os recantos do Acre, no afã de mobilizar para reação militar que

dentro em breve se faria sentir. Nos seus mais agudos momentos de febre palustre, fez-se transportar em rede. Decorrido cerca de um mês, conseguiu mobilizar, organizar, equipar e adestrar um pequeno exército de 66 homens e fortificar diversos seringais.

DURO INSUCESSO

Ao retornar para Xapuri à frente de 66 homens, Plácido foi informado da chegada ao Acre de um batalhão boliviano. Para compensar seu pequeno efetivo concebeu emboscar o adversário em Volta da Empresa (atual Rio Branco).

Este o antecipou no local, gulado por um traidor. Sua tropa foi emboscada. Após uma hora de violento combate, acabada a munição, foi obrigado a retirar-se com as seguintes baixas: 22 mortos, 8 feridos graves e 6 desertores. O adversário teve 18 baixas, 10 mortos e feridos.

LIÇÃO APRENDIDA

Plácido analisou profundamente o revés e dele tirou valiosas lições de cunho tático e estratégico, adaptadas à realidade da selva amazônica. Em pouco tempo Plácido organizou o *Exército do Estado Independente do Acre*, com efetivo de 850 homens, divididos em 4 batalhões:

O *Novo Destino*, *Pelotas*, *Acreano* e o *Xapuri*. Seus soldados estavam armados com rifles *Whinchester 44* e armas de caça com 60 tiros por homem.

GENERAL PLÁCIDO

Em 2 de outubro de 1902 foi aclamado General e Comandante do Exército do Acre. Em 171 dias de campanha, 5 de agosto de 1902 a 24 de janeiro de 1903, o pequeno e bravo *Exército Acreano*, liderado pelo bravo gaúcho, consolidou a Independência do Acre, após vencer em diversos combates, fortes e bem armados efetivos adversários; além de afastar da Amazônia a grande ameaça à Soberania, Integridade e Unidade do Brasil e Bolívia, representada pelo *Bolivian Syndicate*.

TENTATIVA DE SUBORNO

O Sindicato face ao fracasso militar tentou subornar a população acreana, no que foi repellido. Financiou então, na Bolívia, pode-

rosa expedição para esmagar os acreanos. O Brasil tomou posição para evitar o massacre. Entrou em cena o grande Barão do Rio Branco que negociou um "*modus vivendi*" realista com a Bolívia, para evitar que irmãos bolivianos e brasileiros, tradicionais amigos, fossem lançados à guerra em nome de interesses econômicos de grupos internacionais, contrários aos legítimos interesses de seus países.

TRATADO DE PETRÓPOLIS

A diplomacia brasileira através do Barão do Rio Branco consolidou o ideal de serem brasileiros, conquistado pelas armas pelo Coronel acreano Plácido de Castro e seus bravos soldados acreanos, com a celebração do Tratado de Petrópolis a 17 de novembro de 1903.

Por ele, o Brasil definiu a situação do atual Estado do Acre em troca de compensações territoriais, em dinheiro e obras civis de grande projeção econômica para a Bolívia.

IMPERATIVO CIVICO

Plácido morreu em 11 de agosto de 1908, vítima de uma emboscada preparada por desafetos políticos, 2 dias antes. Teve o mesmo destino trágico de seu avô do qual herdou o nome, o Major do Exército Plácido José de Castro.

Seus restos mortais repousam em Porto Alegre. Dia virá que o Acre os reclamará para fazê-los repousar no cenário de suas glórias, na terra de seus intrépidos comandados acreanos que escreveram uma epopéia em defesa da Integridade e Soberania do Brasil.

Na terra daqueles heróis que submergiram, um após outro, sob balas inimigas, na tarefa de cortar uma corrente que barrava a navegação do rio Acre defronte Puerto Acre.

Na terra da heroína Angelina Gonçalves de Souza que lutou a luta mais desigual com o inimigo, em protesto pelo trucidamento de seu marido.

Enfim, na terra de outros tantos heróis assinalados, na luta pela libertação do Acre, muitos esquecidos, que somente Deus sabe seus nomes.

Seu retorno é um imperativo cívico, para a reverência eterna dos acreanos, aos quais ajudou a conquistar a liberdade e o direito de serem brasileiros e, para o respeito dos irmãos bolivianos ao adversário valoroso e generoso que lutava, não contra a Bolívia ou

contra seus irmãos bolivianos mas, contra o *Bolivian Syndicate* que ameaçava não só a Integridade e Soberania do Brasil, como a da própria Bolívia e a liberdade de seu povo, comprometida seriamente, a longo prazo.

FONTES

- GOYCOCHEA, Castilhos — "Plácido de Castro, o derradeiro bandeirante".
RIHGRGS, Porto Alegre, 1940, 1.ª tri p. 89-126.
- HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO — "Campanha do Acre". Rio de Janeiro,
EME, 1972, 2 v, p. 750-66.
- LIMA, Cláudio de Araújo — "Plácido de Castro, um esudilho contra o imperia-
lismo". Rio, Grazi, Brumar 1960, 2.ª ed.

O homem que parou
à espera de dias melhores
e não colaborou com o tempo
verificará mais tarde que
aquele que não parou
estará tão adiantado
que jamais será alcançado...